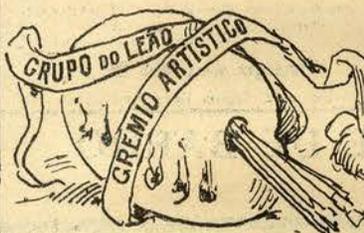




Malhóa

A homenagem aos altos meritos do pintor Malhóa, a quem a Hespanha deu agora uma medalha, e a quem os artistas portuguezes offereceram ha dias um jantar, teve uma dupla significação que alegra deverás todos os compatriotas do pintor, e que deve alegrar tambem todos os patriotas de Portugal: reconheceu-se o real valor de um portuguez que o tinha; e iniciou-se uma era nova de boa paz e de leal estimulo para os nossos artistas nacionaes.

No mesmo abraço em que cada compaheiro de Malhóa quiz estreitar esse querido artista. impulsivamente se estreitaram todos os seus companheiros de arte.



A INDIFFERENÇA PUBLICA

Os francezes fazem uso de uma expressão, que não tem justo equivalente em lingua portugueza, mas que define muito bem o nosso estado d'alma nacional em presença dos recentes acontecimentos politicos.

E' o — *Jem'enfoutisme*.

Dizer que não tem equivalente, não é verdade; equivalente tem-no, e por signal bem bom. Mas é um equivalente de que não se póde fazer uso onde estiverem senhoras. como na galeria das Camaras.

O estado d'alma e o da mais completa Indifferença por todos esses acontecimentos, trazido á flor dos labios no sorriso amarello de quem se está espremendo para tudo isso.



Póde ser que esta indifferença seja um grande mal para os que não sabem combate-la; mas se é um grande mal, é tambem um grande remedio.

Ao passo que os nossos collegas do jornalismo diario davam curso a quantos boatos se inventaram, nestes ultimos dias, em volta do incidente Reymão, andavamos nós ouvindo e colhendo para os registos da *Parodia* os diversos commentarios, e opiniões e piadas que cada novo boato ia suggerindo nos grupos dos indifferentes.

Assim, quando começou o incidente, tendo a palavra o Sr. Malheiro Reymão, e combatendo o projecto da contribuição predial, dizia este illustre deputado:

—Não me repugna o imposto proporcional ou progressivo, mas assentando sobre uma base de justiça. O que o Governo quer não é um imposto progressivo...

E ao lado de nós, na galeria, um indifferente commentava:

—Não. Os impostos *progressivos* são do José Luciano. Os impostos do Hintze são sempre *regeneradores*!

Terminando o seu discurso, o Sr. Malheiro Reymão foi muito cumprimentado pelos deputados franquistas, entre os quaes se notava o Sr. Adriano Cavalheiro.

E apenas alguns raros deputados

progressistas se aproximaram do orador. A este respeito, observava outro indifferente:

—Os progressistas, d'esta vez, foram muito mais *cavalheiros*.

Em seguida ao Sr. Reymão, teve a palavra o Sr. João Franco. Fez-se um profundo silencio em toda a Camara. E quando descrevendo o quadro de miseria em que vive o nosso trabalhador dos campos, o Sr. João Franco disse:—... Este triste trabalhador que tem como unico refugio a emigração, que se entrega sem defeza nas mãos dos dirigentes, e não abusa nem usa mesmo da sua força, a não protesta, não faz grèves, nem comicios, nem associações, não deixa por isso de ser digno de toda a consideração e commovida estima dos poderes do Estado...—um outro indifferente gritou-lhe das bancadas, atlautado a voz:

—Não chóres, que tambem vaes!

Referindo-se especialmente ás declarações officias da inexactidão das matrizes, o que serve de protexão para todas as phantasias financeiras, falou o Sr. João Franco das muitas centenas de contos que se tem gasto com essas matrizes; e logo outro indifferente observava em aparte:

—Só com a matriz do Visconde de Faria se estão gastando agora tres contos de réis por anno!

Definindo a sua situação em face do Governo, terminava o Sr. João Franco n'estes termos:

—Atraz do tempo, tempo vem. Por mim, encontrar-me-hão sempre com a mesma dignidade e no mesmo posto.

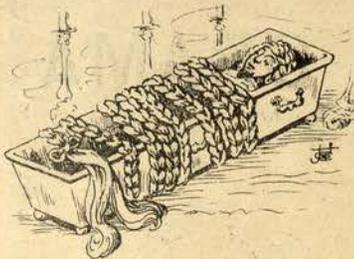
E logo um outro dizia lá de cima:

—O' Espregueira, aquillo é piada...

Ao Sr. João Franco respondeu, como se sabe, o Sr. Hintze Ribeiro. E quando S. Ex.^a, no momento solenne, visivelmente commovido, disse:—O meu melhor amigo, o meu mais querido amigo quer separar-se de mim? Se assim é, dir-lhe-hei com a coragem que nunca desmenti, com a energia do meu temperamento, e com a sinceridade do meu caracter: Pois separe-se!... alguém bateu as palmas, e gritou:

—Salta dois separados!

CANCIONEIRO POPULAR



Se eu antes de ti morrer,
O' pomba dos meus anhelos,
Quero por mortalha ter
As tranças dos teus cabelos.

SCENAS PORTUGUEZAS

I



— O compadre não se esteja a matar para dar com a coisa, que é complicada... Supponha que o telegrapho é um galo: o compadre aperta-lhe de um lado o rabo, logo no outro lado: *Miau!* Ora ahí tem o que é o telegrapho, physicamente falando.

O ESPIRITO DOS OUTROS

Certo pintor decorador muito distincto estava ha dias pintando na sala de jantar de um opulento banqueiro umas flores.

Uma criança, filho do dono da casa, observou:



— Estas flores não cheiram.
— Não cheiram ao menino, mas hão-de cheirar ao papá!

Quando o nobre Chefe esteve doente em Paris com o ataque de rebenta a bexiga, foi visitado amiudadas vezes por Waldeck Rousseau que é, como S. Ex.^a, um estadista eminente e juriscônsulto abalissadissimo.

Na primeira visita, Waldeck, apersentando a mão do nobre Chefe, exclamou.

— Queie fatalité!
— Quel fat alité? Interrogou ironicamente S. Ex.^a



Relendo um livro do grande Camillo, encontramos esta phrase, que tem sempre cabimento, profundamente verdadeira e verdadeiramente espirituosa:

«Quando Portugal está a *finar-se*, chama-se *finanças* as rendas publicas»



TALAR E ESCREVER

No anno passado, quando foi da Exposição Universal, passeavam em Paris dois portuguezes distinctissimos: um, primoroso litterato, o Sr. Fialho d'Almeida, outro, doutissimo philologo, o Sr. Dr. Candido de Figueiredo.

O Sr. Fialho, tirando um lenço de côr da algebeira e queixando se de frio, disse:

— Vou resguardar o pescoço com este foulard.

— Que mania de francezismo a sua, Fialho! E' irritante! Isso a que você chama foulard é em bom portuguez— *cache-nez!*



Santos Junior, para cuja benemerencia não encontramos palavras de elogio, continua a dar, no Coliseo, opera a dois tostões. Um regaloio para o Zé sem vintém— que é toda a gente.

Deus Nosso Senhor pague ao Santos, de aqui a muitos annos, quando elle esticar o pernil, cercando-lhe a alminha de musicas celestiaes, pelas Galvanys que a esse tempo façam parte da companhia do Coliseo celestial.



Referem jornaes que o Sr. Thomaz d'Eça Leal leu uma peça original, na redacção da *Tarde*, aos Srs. Lopes de Mendonça, João da Camara, Urbano de Castro e Henrique de Vasconcellos.

Pergunta-nos um maduro a razão por que teria sido convidado o nosso amigo Dr. Vasconcellos a assistir á leitura.

Pois a coisa é facil de explicar. Vasconcellos assistiu como agente do Ministerio publico, para casos previstos pelo Codigo Civil.

Se os outros ouvintes absolvessem o reu Leal, o que não succedeu, Vasconcellos appellava...



Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Exploração

Está aberto o concurso para a admissão de praticantes para factores e guardas-freios na Escola de Gaia.

As condições de admissão são as seguintes:

1.º Não ter mais de 15 annos nem mais de 25 para os praticantes de factores, nem mais de 18 nem mais de 30 para os praticantes de guardas-freios.

2.º Ter exame de instrução primaria com a devida approvação.

3.º Ter boa constituição physica comprada peço Serviço de Saude da Companhia.

4.º Ter bom comportamento anterior devidamente comprovado.

Os requerimentos escriptos em papel commun pelo proprio punho do concorrente deverão ser dirigidos ao Engenheiro em Chefe da Exploração até 25 do corrente e n'elles será indicada a morada do requerente.

Lisboa, 8 de Maio de 1901.

O Engenheiro em Chefe da Exploração
A. de Vasconcellos Porto

AVISO AO PUBLICO

Tarifa especial n.º 25 — Grande velocidade

Bagagens

TRANSPORTE DE BICYCLOS

A tarifa especial n.º 13 da grande velocidade é amplida, desde 20 de maio de 1901, ao trajecto entre Coimbra e Figueira da Foz (via Alfarellos) e estações ou apeadeiros intermedios, em determinados comboios que opportunamente serão annunciados, como estipula a condição 1.ª da tarifa a que o presente aviso se refere. Lisboa, 13 de Maio de 1901.

Director Geral da Companhia
Chapuy.

Feira de Sacavem

Por motivo da feira que se realisa em Sacavem no domingo 26 do corrente, o serviço de combois tramways em Lisboa-Rocio e Sacavem é augmentado conforme se annuncia nos cartazes affixados nos logares do costume.

Lisboa, 14 de Maio de 1901.

Pelo director Geral da Companhia
Augusto Luciano de Carvalho.

Restaurant Paris

DE

JOSÉ FERNANDES

63—Rua de S. Pedro d'Alcantara—63

Fornece almoços, lunches e jantares para fora, segundo as indicações que lhe forem apresentadas.

ALMOÇOS DE MESA REDONDA A 400 REIS

Jantares a 500 réis

DAS 4 ÀS 8 DA NOITE

A PARODIA

O 1.º volume encadernado com a capa especial

Preço 2\$500 réis

Capa para encadernação do 1.º volume

Preço 700 réis

A Administração encarrega se de mandar encadernar o volume pela quantia de 200 réis.

Os pedidos de volume devem vir acompanhados de 200 réis, e de capa, de 40 réis para porte do correio.

DRAMA EM FAMILIA



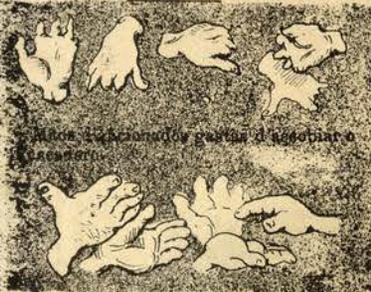
RAFAEL BORGHILO PINHEIRO

Combinou-se não se falar na scisão.

Afinal sempre se falou na scisão.



CHRONICA TAUROMACHICA



Mãos inchadas de applandir o Botas.

BIBLIOGRAPHIA

Cantares é o titulo de um pequeno volume de bem feitos versos, que o Sr. Antonio Carvalho acaba de publicar em elegante edição, dignando-se offerecer-nos um exemplar, que agradecemos reconhecidos.

Do Sr. Dr. A. Eduardo de Moura, tambem recebemos um volume, *Viagens na Andaluzia*, interessantissimo, muito bem escripto, cuja leitura nos deixou a mais grata das impressões.

Receba S. Ex.^a, com os nossos cumprimentos de parabem, a expressão do nosso agradecimento.

Os nossos queridos collegas do *Diario de Noticias* enviaram-nos o numero illustrado da popularissima folha relativa á Paschoa finda.

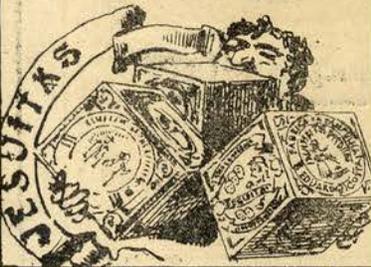
Um primor de collaboração litteraria e artistica e de impressão, digno de figurar entre as melhores publicações congengeres de lá de fóra.

Aos nossos camaradas do *Noticias* muito agradecemos a gentil offerta.

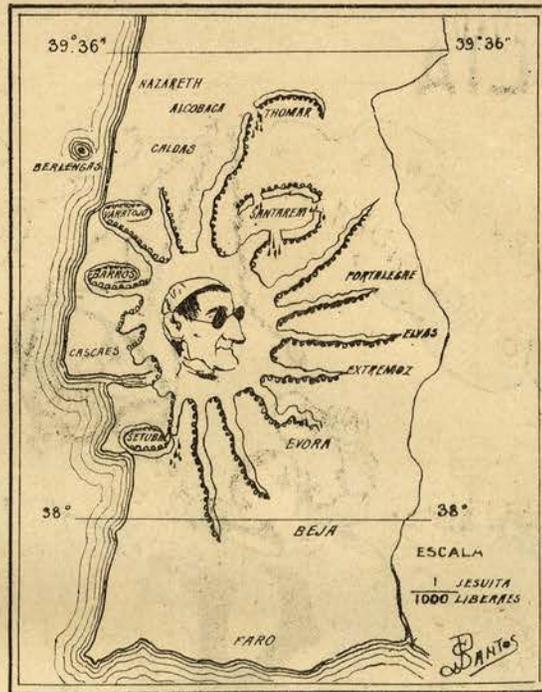
BOLACHA NOSSA DE CADA DIA

«Quem me adoça o bico, meu amigo é.» Assim dizia La Rochefoucauld a D. Ephigenia Marques, com loja de capelista em Paris. Fazemos nossas as palavras do grande homem, sendo n'este caso D. Ephigenia Marques o Sr. Eduardo Costa, o popularissimo Costa da Pampulha, auctor dos dias das melhores bolachas que se comem em Lisboa, e que nos acaba de remetter uma lata d'ellas, deliciosas, e cujo nome nos não occorre agora porque já as comemos todas e já não dispomos da lata, que enviámos para Paris, a fim de ser pendurada no fundo das costas do fomentador em Paris dos nossos vinhos na Alemanha.

Mas os nossos agradecimentos aqui ficam com um chi-coração muito apertado.



Do nosso correspondente de SANTAREM



Aquestão jesuítica entre 38° por 39°36''

O BAILE NO PAÇO

A menina vai ao baile
O Vindima!

Vae grande entusiasmo nas regiões officiaes com os preparativos para o baile no Paço.

Só a distribuição dos convites tem sido uma verdadeira tarefa, complicada ainda pela difficuldade de attender todos os pedidos.

A noticia de que haviam sido encomendados para o serviço d'essa noite 300 perús, 50 pernas de vitella, e 5:000 bôlos de côco, poz em sobresalto todo o functionalismo publico.

O grande embaraço para muitos dos convidados consiste em que sendo o calção obrigatorio, uns não tem pernas decentemente elegantes para se apresentarem com esse traje, e a outros, a quem não falta a elegancia das pernas, falta-lhes o melhor, nesse caso, que é precisamente o calção.

Como se sabe, apenas são dispensados de se apresentarem de calção os deputados e camaristas.

O Sr. Conde de Restello, vae di banda, di banda, di banda.

O Sr. Augusto Ribeiro contracteu para essa noite as pernas d'uma corista da Trindade.

O Sr. Malheiro Reynão virou a casa.

O Sr. Fuschini vae de calção de banho.

O Sr. Espregueira apresenta se com o grande uniforme de general á paisana.

O Sr. Sergio de Castro decota-se.



SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS ARTES

SALÃO COMICO



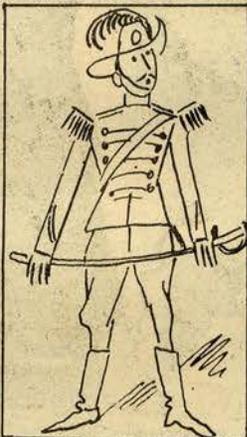
N.º 112 (Galhardo) Retratos... da Galeria dos Criminosos Calebres. Cautella não se cheguem, olhem que elles mordem.



N.º 118 (Collaço) Anciedade — Dialogo animadissimo entre um ourangotango com o Papuss, ahi pelas alturas do Dafundo.



N.º 116 (Braga) Zeka — Estou farta de tocar pandeiro, irra!



N.º 119 (Ribeiro Arthur) — Uma aquarelleta... de um major que parece d'um osbo de esquadra.



N.º 121 (Lopes) «engano d'alma ledo e cego».

— Ora pudera, as meninas desceram á adega, puzeram se á fresca e desataram a beber... é claro, entortaram-se. Bem fez a outra que voltou para cima, e mandou as outras beber... Essa é que teve juizo.

Combinou-se com o homem e pizeram-se os dois ao sol, a córar. (COPINHIA)



N.º 136 (Fernandes) — O amigo das creanças — Não está mau amigo este que as aperta tanto que as põe n'um figo...



N.º 124 (Silva Junior) — Retrato d'um sujeito nas hortas. Oh! Senhor, ponha o seu chapeu, não faça cerimonia...



N.º 226 — (Ramalho) O actor Ferreira da Silva no VELHO THEMA, ou Enfim, seu! monologo dito por um unico dente, em casa do Snr. Oscar Leal, arcadico dentista.

Augusto Bordallo Pinheiro

OS ESCOLHIDOS DO PODER



O Patrão da chata — Vamos remando com cuidado, a vêr se chegamos até aos Açores, sem novidade.
O remador — O que vale é o que o mar é de leite... e Vasconcelos.